

CASSANDRA CLARE

A Cidade dos Anjos Caídos

CAÇADORES DE SOMBRAS 4

Tradução
Irene Daun e Lorena
Nuno Daun e Lorena

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Cassandra Claire, LLC
© 2010, Planeta Manuscrito

Título original: *City of Fallen Angels*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Fevereiro de 2012

Depósito legal n.º 339 271/12

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-246-4

www.planeta.pt

Primeira parte

ANJOS EXTERMINADORES



Há males que caminham nas trevas e há anjos exterminadores que voam envoltos numa capa de imaterialidade, de natureza incomunicável, que não podemos ver, mas cuja força sentimos e a cuja espada nos submetemos.

Jeremy Taylor, *Sermão Funerário*

1

— A mestra —

– Só café, por favor.

– Não quer comer nada? – perguntou a empregada com sotaque cerrado, erguendo as sobrancelhas desenhadas a lápis, desiludida.

A rapariga, se calhar, contava com uma gorjeta melhor do que a de um simples café e Simon Lewis compreendia-a, mas a culpa não era sua se os vampiros não podiam comer; por vezes, nos restaurantes, pedia comida para não destoar dos outros clientes, mas às terças-feiras à noite, quando o Veselka não tinha quase nenhuns, não valia a pena.

– Só café.

Com um encolher de ombros, a mulher pegou na ementa e afastou-se para satisfazer o pedido. Simon encostou-se na dura cadeira de plástico e olhou em volta. O Veselka, na esquina da Ninth Street com a Second Avenue, era um dos seus restaurantes preferidos no Lower East Side – velho, com as paredes a preto e branco, onde uma pessoa podia estar o dia todo desde que pedisse café de meia em meia hora e onde ainda serviam o que fora em tempos que já lá iam o seu prato vegetariano favorito, *pierogi & borscht*.

Estava-se a meio de Outubro e havia decorações relacionadas com o Dia das Bruxas – um letreiro hesitante a dizer TRICK-OR-BORSCHT! e um vampiro de cartão chamado Conde Blintzula. Simon e Clary costumavam achar piada às decorações daquele feriado piroso, mas o Conde, com aqueles dentes e aquela capa preta, não tinha piada nenhuma.

Simon olhou pela janela. A noite estava fria e o vento varria as folhas mortas ao longo da Second Avenue como se fossem punhados de *confetti*. Ao longo da rua seguia uma rapariga metida numa gabardina apertada com um cinto, com os longos cabelos pretos ao vento. As pessoas viravam-se ao vê-la passar. Antigamente, Simon também costumara olhar para elas, perguntando a si próprio onde iriam, com quem se iriam encontrar. Com tipos como ele não era, de certeza.

Só que aquela era. A campainha da porta tocou ao abrir-se. Isabelle Lightwood entrou, sorriu ao vê-lo e encaminhou-se para ele, tirando a gabardina, pendurando-a nas costas da cadeira e mostrando o «uniforme típico de Isabelle»: vestido curto de veludo, meias de rede e botas. Simon sabia que tinha uma faca enfiada na bota esquerda. Toda a gente a mirou quando ela se sentou, atirando os cabelos para trás dos ombros. Usasse o que usasse, Isabelle atraía sempre as atenções, qual festival de fogo-de-artifício.

A bela Isabelle Lightwood. Quando a conhecera, Simon sentira que não era homem para ela, o que acabara por acontecer. Isabelle gostava de rapazes que os seus pais desaprovavam, o que no seu universo era o mesmo que dizer Habitantes do Mundo-à-Parte – duendes, lobisomens e vampiros. O facto de se terem visto com regularidade nos últimos meses espantava-o, apesar de a sua relação se limitar a encontros como aquele, pouco frequentes, levando-o a perguntar a si próprio se estaria ali com ela se não se tivesse transformado num vampiro, se a sua vida não se tivesse alterado.

– Estás com bom aspecto – disse ela com um sorriso brilhante, prendendo uma madeixa atrás da orelha.

Simon olhou para si próprio na janela. A influência de Isabelle era evidente no seu aspecto desde que se encontravam. A rapariga forçara-o a trocar os carapuços por blusões de cabedal e as sapatilhas por botas de marca, que custavam trezentos dólares o par, mas continuava a usar as características *T-shirts* com palavras – aquela dizia OS EXISTENCIALISTAS FAZEM-NO DE MANEIRA INSÍPIDA – e os *jeans* já não tinham buracos nos joelhos nem bolsos rotos; também deixara crescer o cabelo, que lhe tapava a testa e os olhos, mas naquele caso tratava-se mais de uma necessidade.

Clary troçava do seu novo *look*, mas essa ria de tudo o que dizia respeito à sua vida amorosa, ao ponto de não conseguir acreditar que o caso com

Isabelle fosse sério; é claro que também não conseguia acreditar que o caso com Maia Roberts, uma amiga mútua lobisomem, fosse sério e que ele não tivesse dito a uma que andava com a outra.

Simon não sabia ao certo como a coisa acontecera. Maia gostava de ir a sua casa utilizar a *Xbox* – não tinham nenhuma na esquadra de polícia abandonada onde a matilha de lobisomens vivia – e só à terceira ou quarta vez é que ela lhe dera um beijo de despedida antes de sair. Ele gostara e depois telefonara a Clary a perguntar-lhe se achava que devia dizer a Isabelle.

– Descobre o que há entre ti e Isabelle e depois diz-lhe – respondera.

O que fora um mau conselho. Já lá ia um mês e ele ainda não sabia o que havia entre ele e Isabelle, razão pela qual não lhe dissera nada. E quanto mais tempo passava, mais a ideia lhe parecia embaraçosa. Até então a coisa funcionara. Isabelle e Maia não eram amigas a sério e pouco se viam. Infelizmente, porém, a coisa ia mudar. A mãe de Clary e o seu namorado de longa data, Luke, iam casar-se dentro de semanas e as duas foram convidadas para o casamento, uma perspectiva que Simon achava mais assustadora do que ser perseguido pelas ruas de Nova Iorque por um esfomeado bando de caçadores de vampiros.

– Então? – exclamou Isabelle, arrancando-o do devaneio. – Por que não marcaste no Taki's? Lá serviam-te sangue!

Simon estremeceu. Isabelle era tudo menos subtil. Felizmente ninguém estava a ouvir, nem sequer a empregada, que lhe pousou à frente com brusquidão uma chávena de café. A rapariga virou costas sem perguntar a Izzy se ela queria alguma coisa.

– Gosto disto – respondeu ele. – Clary e eu costumávamos vir aqui quando ela tinha aulas em Tisch. Eles têm *borscht* bestiais e *blintzes*, uma espécie de *dumplings* de queijo, e além disso está aberto a noite toda.

Isabelle, porém, ignorou-o.

– O que é *aquilo*? – perguntou ela, olhando-lhe por cima do ombro.

Simon virou-se.

– Aquilo é o Conde Blintzula.

– Conde *Blintzula*?

Simon encolheu os ombros.

– É uma decoração do Dia das Bruxas, para os miúdos. É como o Conde Chocula ou o Conde da Rua Sésamo – respondeu ele com um sorriso ao

ver o olhar sem expressão da rapariga. – Não estás a ver? Aquele boneco que ensina as crianças a contar?¹

Isabelle abanou a cabeça.

– A televisão tem um programa onde as crianças aprendem a contar com um *vampiro*?

– Se o visses, percebias – respondeu Simon com um encolher de ombros.

– Há uma certa base mitológica nessa concepção – replicou Isabelle, adoptando uma expressão professoral. – Algumas lendas dizem que os vampiros são obcecados por contas e que se espalhamos uns grãos de arroz na frente deles, eles param o que estão a fazer para os contar, o que tem tanto de verdade como o alho. E os vampiros não ensinam crianças. Os vampiros são criaturas assustadoras.

– Obrigado – replicou Simon. – É uma brincadeira, Isabelle. O boneco é um Conde e gosta de contar. «O que o Conde comeu hoje, meninos? *Um* biscoito, *dois* biscoitos, *três* biscoitos...»

A porta do restaurante abriu-se, deixando entrar outro cliente e uma corrente de ar. Isabelle estremeceu e pegou no lenço de seda preta.

– Não é realista.

– Preferias o quê? «O que o Conde comeu hoje, meninos? *Um* aldeão, *dois* aldeões, *três* aldeões...»

– Chhh – disse Isabelle, atando o lenço ao pescoço e inclinando-se para a frente, pousando a mão no pulso de Simon com os grandes olhos pretos de súbito muito abertos, como quando caçava demónios ou tencionava caçá-los. – Olha! – Simon obedeceu e viu dois homens ao balcão de vidro dos produtos de pastelaria: bolos gelados, pratos de *rugelach* e *danishes* cobertos de creme. No entanto nenhum deles parecia interessado em comida. Ambos eram pequenos e muito magros, ao ponto de as maçãs do rosto lhes saltarem dos rostos pálidos, quais navalhas. Ambos tinham cabelos finos grisalhos, olhos de um cinzento-pálido e usavam longos sobretudos cor de ardósia atados à cintura. – Achas que são o quê? – perguntou Isabelle.

– Parecem aqueles duendes de jardim – respondeu Simon, olhando para eles de soslaio. Os dois homens fixaram-no com olhos vazios, sem pestanas.

– São escravos humanos – sibilou Isabelle. – Pertencem a um vampiro.

– Pertencem...?

¹ *Count* (conde) e *count* (contar) são, em inglês, palavras homónimas. (N. dos T.)

– Pelo Anjo – replicou Isabelle, impaciente –, tu não sabes nada sobre a tua espécie, pois não? Sabes, ao menos, como são feitos os vampiros?

– Bem, quando uma mamã vampira e um papá vampiro se amam muito...

Isabelle fez uma careta.

– *Okay*, tu sabes que os vampiros não *precisam* de sexo para se reproduzir, mas aposto que não sabes como a coisa funciona.

– Sei, pois – retorquiu Simon. – Eu sou vampiro porque bebi sangue do Rafael antes de morrer. Beber sangue mais morte é igual a vampiro.

– Não exactamente. Tu és vampiro porque bebeste sangue do Rafael, mas também porque foste mordido *antes* de morreres. Tens de ser mordido para te transformares num vampiro.

– Porquê?

– Porque a saliva de vampiro tem... propriedades; propriedades transformadoras.

– Que nojo – disse Simon.

– Deixa-te disso. Tu tens o cuspo mágico. Os vampiros alimentam-se dos humanos quanto estão com falta de sangue, como se eles fossem máquinas de *snacks* ambulantes – continuou Izzy com uma careta de nojo – o que devia enfraquecê-los, mas de facto a saliva de vampiro tem propriedades curativas, aumenta-lhes os glóbulos vermelhos, torna-os mais fortes e mais saudáveis e prolonga-lhes a vida. É por isso que não é contra a Lei um vampiro alimentar-se de um humano, porque não lhes dói. É claro que de vez em quando um deles decide que quer mais do que um *snack*, que quer um escravo e então começa a injectar pequenas quantidades de sangue de vampiro no humano mordido para o manter dócil, para o ter às ordens. Os escravos adoram os seus senhores, adoram servi-los, só estão bem ao pé deles. Como tu, quando voltaste para o Dumont. Voltaste para o vampiro que te dava sangue.

– Rafael – replicou Simon com voz gelada. – Deixa-me que te diga que ultimamente não tenho tido vontade nenhuma de estar com ele.

– Porque a sensação desaparece quando nos tornamos vampiros por inteiro. Só os escravos adoram os seus senhores. E não lhes podem desobedecer. Não percebes? Quando voltaste para o Dumont, o clã de Rafael secou-te, morreste e tornaste-te vampiro. Se em vez de te terem secado, te tivessem dado mais sangue, ter-te-ias tornado escravo.

– Isso é tudo muito interessante, mas não explica por que razão eles estão a olhar para nós.

Isabelle olhou para os dois homens.

– Eles não estão a olhar para nós, estão a olhar para *ti*. Talvez o senhor deles tenha morrido e andem à procura de outro. Não queres dois cachorrinhos? – perguntou ela com um sorriso.

– Ou talvez tenham vindo comprar batatas fritas.

– Os escravos não ingerem comida, vivem de uma mistura de sangue de vampiro e sangue animal, o que os mantém num permanente estado de animação suspensa. Não são imortais, mas envelhecem muito devagar.

– Infelizmente ficam com mau aspecto – disse Simon, olhando para eles. Isabelle endireitou-se.

– E parece que vêm para aqui. Já vamos saber o que querem. – Os escravos humanos pareciam deslocar-se sobre rodas, deslizavam em silêncio e atravessaram o restaurante no espaço de alguns segundos apenas. Quando chegaram à mesa de Simon já Isabelle tirara o *stiletto* da bota e o colocara em cima da mesa, brilhando à luz dos candeeiros fluorescentes do restaurante, escuro, com cruces gravadas em ambos os lados do cabo. A maior parte das armas repelentes de vampiros tinham cruces, o que levou Simon a supor que muitos vampiros eram cristãos. Quem diria que uma religião minoritária podia ter tantas vantagens?

– Já chega – disse Isabelle com os dedos a centímetros do punhal quando os dois escravos pararam. – Digam o que querem.

– Caçadora de Sombras – sibilou a criatura da esquerda. – Não contávamos ver-te nestas circunstâncias.

– Que circunstâncias? – perguntou Isabelle, erguendo uma sobrancelha.

O segundo escravo apontou um dedo longo e cinzento a Simon, de unha afiada e amarelada.

– Temos assuntos a tratar com o *Luz do Dia*.

– Ah, isso é que não tens – replicou Simon. – Não sei quem és. É a primeira vez que te vejo.

– Eu sou o senhor Walker – disse a primeira criatura – e este é o senhor Archer. Servimos ambos o vampiro mais poderoso de Nova Iorque, o chefe do maior clã de Manhattan.

– Rafael Santiago – disse Isabelle. – Nesse caso devias saber que Simon não pertence a nenhum clã, que é um independente.

O senhor Walker distendeu os lábios num pequeno sorriso.

– O meu senhor tinha esperança de que essa situação se pudesse alterar. Simon encontrou o olhar de Isabelle. A rapariga encolheu os ombros.

– Rafael não te disse que te queria *longe* do clã?

– Talvez tenha mudado de ideias – sugeriu Simon. – Sabes como ele é. Instável. Volúvel.

– Não sei. Não o vejo desde que o ameacei com um candelabro. Mas ele não levou a mal. Nem pestanejou.

– Fantástico – retorquiu Simon. Os dois escravos fixavam-no com olhos acinzentados, cor de neve suja. – Se Rafael me quer no clã, é porque quer qualquer coisa. Digam-me o que é.

– Nós não estamos a par dos planos do nosso mestre – disse o senhor Archer em tom altivo.

– Nesse caso, nada feito. Não vou.

– Se não queres vir connosco, estamos autorizados a levar-te à força.

O punhal pareceu saltar para a mão de Isabelle. A rapariga não parecera mexer-se, mas o facto é que o tinha na mão, girando ligeiramente.

– Se fosse a você, não fazia isso.

O senhor Archer mostrou-lhe os dentes.

– Desde quando os filhos do Anjo são guarda-costas dos patifes dos do Mundo-à-Parte? Pensava-te acima dessas coisas, Isabelle Lightwood.

– Eu não sou guarda-costas dele, sou *namorada* dele, o que me dá o direito de te dar uns pontapés no cu se o chateias. É assim que a coisa funciona.

Namorada? Espantado, Simon olhou para ela, mas Isabelle olhava para os dois escravos com os olhos negros a chispar. Era a primeira vez que a rapariga se referia a si própria como sua namorada, sinal de que a sua vida mudara radicalmente, o que o surpreendia mais do que o facto de ser convocado para um encontro com o vampiro mais poderoso de Nova Iorque.

– O meu mestre – disse o senhor Walker em tom tranquilizador, pelo menos para ele – tem uma proposta para o *Luz do Dia*...

– O nome dele é Simon. Simon Lewis.

– Para o senhor Lewis. Posso prometer-te que o senhor Lewis achá-la-á muito vantajosa, se estiver disposto a acompanhar-nos para a ouvir. Juro pela honra do meu mestre que não te acontecerá nada, *Luz do Dia*, e que, se quiseres, podes recusá-la com toda a liberdade.

O meu mestre, o meu mestre. O senhor Walker pronunciara as palavras com uma mistura de adoração e respeito. Simon sentiu um arrepio. Devia ser horrível estar ligado a alguém daquela maneira, não ter vontade própria.

Isabelle abanava a cabeça, pronunciando em silêncio a palavra «não». Se calhar tinha razão, pensou ele, já que era uma excelente Caçadora de Sombras; caçava demónios e delinquentes do Mundo-à-Parte – vampiros vigaristas, praticantes de magia negra, lobisomens a monte que tinham comido alguém – desde os doze anos e era, provavelmente, na sua idade, melhor do que qualquer outro Caçador de Sombras, exceptuando o seu irmão Jace. E talvez também Sebastian, pensou Simon, que era ainda melhor do que os dois juntos. Mas esse morrerá.

– Está bem – disse ele. – Eu vou.

– Simon! – exclamou Isabelle, arregalando os olhos.

Os dois escravos esfregaram as mãos como dois vilões de um desenho animado. O gesto só pareceu arrepiante porque foi feito ao mesmo tempo, como se fossem ambos duas marionetas manipuladas em unísono.

– Excelente – disse o senhor Archer.

Isabelle bateu com o punhal na mesa e inclinou-se para a frente, com os cabelos negros e brilhantes a aflorarem o tampo.

– Simon – disse ela num murmúrio –, não sejas estúpido. Não vás com ele. Rafael é um estúpido.

– Rafael é um dos grandes – disse Simon. – Foi o sangue dele que fez de mim um vampiro. Rafael é o meu... não sei quê.

– Senhor, criador, gerador. Há milhões de nomes para o que ele fez – disse Isabelle, furiosa. – E talvez o sangue dele tenha feito de ti um vampiro, mas não um *Luz do Dia*. – Os olhos dela encontraram os dele através da mesa. *Quem fizera dele um Luz do Dia fora Jace.* A rapariga, porém, nunca diria aquelas palavras em voz alta. Poucos sabiam a verdade, a história por trás do que Jace era e do que Simon era por causa dele. – Não tens de fazer o que ele diz.

– É claro que não – replicou Simon, baixando a voz e olhando de soslaio para os escravos, que pareciam concordar com ele. Pelo menos era o que lhe parecia. – Mas se não vou, achas que Rafael desiste? Não desiste, põe-mos outra vez nos calcanhares. Dou com eles quando estiver na rua, na escola, com a Clary...

– E depois? Clary não é capaz de se haver com eles? – perguntou Isabelle, abrindo os braços. – Está bem, pronto, mas pelo menos deixa-me ir contigo.

– Não – disse o senhor Archer em tom cortante. – O assunto não tem nada a ver com os Caçadores de Sombras, tem a ver com os Filhos da Noite.

– Eu não...

– A Lei permite-nos conduzir os nossos assuntos em privado – replicou o senhor Walker em tom ríspido. – Com os da nossa espécie.

Simon olhou para os dois escravos.

– Dêem-me um momento, por favor – disse ele. – Quero falar com Isabelle.

Seguiu-se um momento de silêncio. À sua volta a vida, dentro do restaurante, continuava. O estabelecimento estava cheio de clientes porque o filme do cinema mais próximo terminara. As empregadas andavam de um lado para o outro com pratos a fumegar nas mãos, as pessoas riam e conversavam e os cozinheiros gritavam ordens uns aos outros por trás do balcão. Ninguém olhava para eles, nem percebia se se passava algo de estranho na sua mesa. Simon já estava habituado àquilo, mas por vezes não conseguia deixar de sentir, em especial quando na companhia de Isabelle, que estava fechado numa jaula de vidro invisível, afastado do resto da humanidade e da vida do dia-a-dia.

– Muito bem – disse o senhor Walker, recuando um passo. – Mas o meu mestre não gosta de esperar.

Os dois escravos colocaram-se à porta do restaurante, quais estátuas, indiferentes às correntes de ar sempre que alguém entrava ou saía. Simon virou-se para a rapariga.

– Tudo bem – disse Simon –, eles não me vão fazer mal. Eles não me *podem* fazer mal. Rafael sabe tudo sobre... – acrescentou ele, apontando constrangido para a própria testa – ... isto.

Isabelle estendeu o braço e afastou-lhe o cabelo da testa num gesto mais clínico do que gentil, franzindo o sobrolho. Simon olhara várias vezes para o espelho, para a *Marca*. Era como se alguém lhe tivesse pintado um desenho simples na testa logo acima das sobrancelhas, entre os olhos. A forma, por vezes, mudava como as imagens formadas pelas nuvens, mas era sempre nítida, sombria e de aspecto perigoso, como um sinal de aviso rabisado noutra língua.

- Funciona... mesmo? – murmurou ela.
- Rafael pensa que sim – respondeu ele, afastando-lhe a mão. – E eu não tenho razões para pensar que não. Não te preocupes, Isabelle.
- A rapariga suspirou.
- A experiência diz-me que não é boa ideia.
- Simon apertou-lhe os dedos.
- Não queres saber qual é a ideia de Rafael?
- Isabelle deu-lhe uma palmada na mão e recostou-se.
- Fala-me dela quando voltares. Mas *primeiro* telefona-me.
- Está bem. – Simon levantou-se, fechando o blusão. – Faz-me um favor, sim? Aliás, dois.
- A rapariga olhou para ele com um sorriso cauteloso.
- O que é?
- Clary disse que ia estar no Instituto esta noite. Se a encontrares, não lhe digas onde fui. Ela fica preocupada e não há razão para isso.
- Isabelle revirou os olhos.
- *Okay*, combinado. E o segundo?
- Simon inclinou-se e beijou-a na face.
- Experimenta o *borscht* antes de saíres. É bestial.



O senhor Walker e o senhor Archer, nada comunicativos, conduziram Simon ao longo das ruas do Lower East Side, vários passos à sua frente no seu estranho andamento deslizante. Era tarde, mas os passeios estavam cheios de gente a caminho de casa, de cabeça baixa, com as golas levantadas por causa do vento. Em St. Mark's Place, várias mesas ao longo do passeio vendiam de tudo, desde meias baratas a desenhos a lápis de Nova Iorque e a paus de incenso. As folhas secas varriam o pavimento, provocando um som chocalheiro. O ar cheirava a tubo de escape, incenso e, por baixo, a seres humanos – pele e sangue.

O estômago de Simon comprimiu-se. O rapaz tinha bastantes garrafas de sangue animal no quarto para evitar a fome, num pequeno frigorífico dentro do armário, longe dos olhares da mãe, mas não conseguia habituar-se a ele porque o sabor era horrível. A princípio pensara que se habituaria, que até gostaria, mas, apesar de lhe matar a fome, não se comparava com os chocolates, os *burritos* vegetarianos, o café ou os gelados, não passava de

sangue. Mas ter fome era horrível. Ter fome fazia-o cheirar coisas que não queria: pele salgada, o cheiro doce do sangue a exsudar de corpos estranhos; dava-lhe fome, provocava-lhe câibras no estômago, fazia-o sentir-se mau. Encolhendo-se, o rapaz meteu as mãos nas algibeiras do blusão e tentou respirar pela boca.

Viraram para a Third Avenue e pararam em frente de um restaurante com um letreiro que dizia CLOISTER CAFE. GARDEN OPEN ALL YEAR. Simon pestanejou.

– Viemos aqui fazer o quê?

– Este é o local escolhido pelo nosso mestre para o encontro – respondeu o senhor Walker em tom suave.

– Ah! – Simon estava confuso. – Pensava que o estilo de Rafael era mais... catedrais profanadas ou criptas cheias de ossos. Nunca o imaginei a marcar encontros num restaurante da moda.

Os dois escravos olharam para ele.

– Há algum problema, *Luz do Dia*? – perguntou, por fim, o senhor Archer.

– Não, não há problema nenhum – respondeu Simon, sentindo-se, de certa maneira, repreendido.

O interior do restaurante era sombrio, com um balcão de tampo de mármore ao longo de uma das paredes. Nenhum empregado se aproximou quando eles entraram, atravessaram a sala e saíram por uma porta para o jardim.

Havia muitos restaurantes em Nova Iorque com esplanadas ajardinadas, mas poucos estavam abertos àquela hora. Aquele funcionava num pátio entre vários edifícios. As paredes estavam pintadas com frescos *trompe l'œil* de jardins italianos cheios de flores. As árvores, de folhas douradas, estavam cheias de luzes brancas e havia lâmpadas de raios infravermelhos espalhadas entre as mesas, emitindo um calor agradável. No centro, uma pequena fonte chapinhava musicalmente.

Só uma mesa estava ocupada, perto da parede, por uma mulher elegante, com um chapéu de aba larga. Confuso, Simon viu-a erguer um braço e acenar-lhe. O rapaz virou-se para trás e não viu ninguém, claro. Walker e Archer tinham recomeçado a deslizar. Estupefacto, Simon seguiu-os e parou a alguns passos da mulher.

– Mestre – disse Walker com uma profunda vénia.

– Walker – replicou a mulher, sorrindo. – E Archer. Muito bem. Obrigada por me terem trazido Simon.

– Um momento – disse este, olhando da mulher para os dois escravos. – Você não é Rafael.

– Claro que não – respondeu ela, tirando o chapéu e deixando cair uma enorme quantidade de cabelo louro-platinado pelos ombros abaixo. O seu rosto era suave, branco e oval, muito bonito, dominado por uns enormes olhos verdes. A mulher tinha umas longas luvas pretas, uma blusa de seda da mesma cor, uma saia travada e um lenço preto atado ao pescoço. Era impossível adivinhar-lhe a idade ou, pelo menos, quantos anos teria quando se tornara vampira. – O meu nome é Camille Belcourt. É um prazer conhecer-te – acrescentou ela, estendendo a mão enluvada.

– Disseram-me que vinha encontrar-me com Rafael Santiago – disse Simon, imóvel. – Trabalha para ele?

Camille Belcourt emitiu uma risada cristalina.

– É evidente que não! Mas ele trabalhou para mim, em tempos.

E Simon lembrou-se. *Pensava que o vampiro-chefe era outra pessoa*, dissera ele uma vez a Rafael, em Idris.

Camille ainda não voltou, replicara Rafael. *Enquanto ela estiver fora, quem manda sou eu*.

– Você é a chefe – disse Simon. – Do clã de Manhattan – acrescentou, virando-se para os escravos. – Vocês enganaram-me. Disseram-me que o encontro era com Rafael.

– Eu disse-te que o encontro era com o nosso mestre – retorquiu o senhor Walker com os grandes olhos vazios, tão vazios que Simon perguntou a si próprio se o tinham induzido em erro de propósito ou se estavam programados, como os robôs, para dizer o que o mestre lhes dissera para dizer e não fossem capazes de se desviar do guião. – E aqui está ele.

– De facto – disse Camille, sorrindo para os dois escravos. – Podem ir, Walker, Archer. Preciso de falar a sós com Simon. – Este sentiu a frase como uma carícia secreta.

Os escravos inclinaram-se e retiraram-se. Quando o senhor Archer se virou, Simon viu-lhe uma ferida profunda no pescoço, tão escura que parecia tinta, com dois pontos escuros no interior; dois orifícios redondos rodeados por carne seca, engelhada, e sentiu um arrepio na espinha.

– Senta-te, por favor – disse Camille, batendo na cadeira a seu lado.
– Queres um pouco de vinho?

– Não bebo, obrigado – respondeu Simon, sentando-se desconfortável na borda da dura cadeira de metal.

– Claro – disse ela, amável. – Ainda és inexperiente, não és? Não te preocupes. Vais ver que com o tempo acabas por conseguir beber vinho e outras bebidas. Alguns dos mais velhos da nossa espécie até conseguem consumir comida humana com poucos efeitos nocivos.

Poucos efeitos nocivos? Simon não estava a gostar da conversa.

– Isto vai demorar muito tempo? – perguntou ele, olhando para o seu telemóvel, que lhe disse que já passava das dez e meia. – Tenho de voltar para casa.

Camille bebeu um gole de vinho.

– A sério? Porquê?

Porque a minha mãe está à minha espera. Está bem, aquela mulher não precisava de saber aquilo.

– Interrompeu-me um encontro – disse ele. – Pergunto a mim próprio o que tem de tão importante para me dizer.

– Ainda vives com a tua mãe, não vives? – perguntou ela, pousando o copo. – É estranho, não é? Um poderoso vampiro como tu que se recusa a sair de casa para se juntar a um clã?

– Portanto, interrompeu o meu encontro para trocar de mim? Só porque vivo com os meus pais? Não podia fazer isso numa noite em que eu não tivesse um encontro? O que é a maioria, caso queira saber.

– Eu não estou a fazer troça de ti, Simon – replicou ela, passando a língua pelo lábio inferior, como que a saborear o vinho que acabara de beber. – Só quero saber por que razão não fazes parte do clã de Rafael.

Que é o teu, não é verdade?

– Pensei que ele não queria – retorquiu Simon. – Ele disse-me que me deixava em paz se eu o deixasse em paz. E eu deixei-o em paz.

Os olhos de Camille brilharam.

– A sério?

– Eu nunca quis ser vampiro – disse Simon, perguntando a si próprio por que razão estava a dizer aquelas coisas àquela mulher estranha. – Eu queria uma vida normal e quando descobri que era um *Luz do Dia*, pensei que podia continuar a tê-la ou, pelo menos, uma aproximação. Posso ir à escola, posso viver em casa, posso ver a minha mãe, a minha irmã...

– Desde que não comas em frente delas – disse Camille. – Desde que escondas a tua necessidade de sangue. Nunca te alimentaste de um humano, pois não? Apenas sangue embalado, velho, animal – acrescentou ela, franzindo o nariz.

Simon pensou em Jace e afastou rápido o pensamento. Jace não era *humano*.

– Não, nunca.

– Mas há-de. E quando provares sangue humano, nunca mais o esquecerás – disse ela, inclinando-se para a frente e roçando-lhe os cabelos louros pela mão. – Não podes esconder quem és para sempre.

– Qual é o adolescente que não gosta de viver com os pais? – perguntou Simon. – Seja como for, não tem nada com isso. Aliás, continuo sem saber o que vim aqui fazer.

Camille inclinou-se para a frente e o decote da blusa preta abriu-se. Se ainda fosse humano, Simon teria corado.

– Deixas-me vê-la?

– Ver o *quê*? – perguntou o rapaz, sentindo arregalarem-se-lhe os olhos.

– A *Marca*, palerma – respondeu ela, sorrindo. – A *Marca do Errante*.

Simon abriu a boca e voltou a fechá-la. *Como sabia ela?* Poucas pessoas tinham conhecimento da *Marca* que Clary lhe pusera em Idris. Rafael dissera que era um segredo mortal e ele tratava-o como tal.

Mas os olhos de Camille eram muito verdes e firmes e por qualquer razão ele queria fazer-lhe a vontade. Talvez tivesse a ver com a maneira como ela olhava para ele, com o tom musical da sua voz. O rapaz levou a mão à testa e afastou o cabelo, mostrando-lhe o sinal.

Camille arregalou os olhos, abriu a boca e levou os dedos ao pescoço, como que a certificar-se de que não tinha pulsação.

– Que sorte, Simon – disse ela.

– Não é uma bênção, é uma maldição – disse ele. – Sabe isso, não sabe? Os olhos dela cintilaram.

– E Caim disse ao Senhor: «O meu castigo é grande de mais. Não consigo suportá-lo.» Não consegues suportar o teu fardo, Simon?

– Consigo – respondeu Simon, encostando-se na cadeira.

– Mas não queres – disse Camille, passando um dedo enluvado pela borda do copo de vinho, com os olhos fixos nele. – E se eu transformasse essa maldição numa bênção?

Diria que estás a chegar à razão pela qual me trouxeste aqui, o que já é qualquer coisa.

– Estou a ouvir.

– Reconheceste o meu nome quando to disse. Rafael falou-te de mim, não falou?

Camille tinha um sotaque muito leve, que Simon não conseguia localizar.

– Ele disse que só estava à cabeça do clã porque você estava ausente, que era uma espécie de... vice-presidente.

– Ah! – replicou ela, mordendo levemente o lábio inferior. – De facto não é bem assim. Gostaria de te dizer a verdade, Simon, e gostaria de te fazer uma oferta, mas primeiro quero que me prometas uma coisa.

– O quê?

– Que guardas segredo de tudo o que for dito entre nós esta noite. Ninguém pode saber. Nem sequer Clary, a tua amiguinha ruiva. Nenhuma das tuas amigas. Nenhum dos Lightwood. Ninguém.

– E se eu não quiser prometer? – perguntou Simon, encostando-se na cadeira.

– Podes ir-te embora, se quiseres. Mas nunca saberás o que tenho para te dizer, o que é pena.

– Estou curioso, mas não sei até que ponto.

Os olhos dela cintilaram de surpresa, divertimento e talvez, pensou Simon, de respeito.

– Nada do que tenho para dizer lhes diz respeito; não lhes afecta a segurança nem o bem-estar. Quero, apenas, proteger-me.

Simon olhou para ela, desconfiado. Estaria a dizer a verdade? Os vampiros não eram como as fadas, incapazes de mentir. Mas tinha de admitir que estava curioso.

– Está bem, eu guardo segredo, a não ser que ache que algo do que tem para me dizer põe os meus amigos em perigo.

O sorriso de Camille tornou-se gelado. Era evidente que aquela mulher não gostava que não acreditassem nela.

– Muito bem – disse. – Suponho que não tenho outra hipótese, já que preciso tanto da tua ajuda. – Camille inclinou-se para a frente, com a mão enluvada a brincar com o pé do copo de vinho. – Até há pouco tempo, quem liderava o clã de Manhattan era eu, de facto. A sede, bem bonita, era

num velho edifício de antes da guerra, no Upper West Side, não naquele hotel onde Santiago tem agora o meu povo, que mais parece um ninho de ratos. Santiago, Rafael, como vocês lhe chamam, era o meu braço direito, o meu companheiro mais leal. Pelo menos era o que eu pensava, mas uma noite descobri que ele andava a assassinar humanos, a levá-los para aquele velho hotel do Spanish Harlem, a beber-lhes o sangue por gula e a atirar-lhes os ossos para um contentor, correndo riscos estúpidos, violando a lei. – Camille bebeu um gole de vinho. – Quando lhe exige explicações, apercebi-me de que ele dissera ao resto do clã que a assassina, a violadora da lei, era eu. Era tudo uma conspiração. Ele quis matar-me para tomar conta do poder. Fugi e levei Walker e Archer comigo, para me proteger.

– E ele tem estado este tempo todo a dizer que só está no comando até você voltar.

– Santiago é um aldrabão – respondeu ela com uma careta. – Ele quer que eu volte, podes ter a certeza, mas para me poder assassinar e tomar por completo conta do clã.

Simon não sabia ao certo o que ela queria ouvir; não estava habituado a mulheres adultas a olharem para ele com olhos cheios de lágrimas ou a contarem-lhe as histórias da sua vida.

– Lamento – disse ele, por fim.

Ela encolheu expressivamente os ombros, levando-o a pensar que talvez o seu sotaque fosse francês.

– Já passou. Tenho estado escondida em Londres este tempo todo, à procura de aliados, à espera do momento certo. E foi então que ouvi falar de ti – disse ela, levantando a mão. – Não te posso dizer como soube porque jurei segredo, mas percebi logo que eras a pessoa de quem estava à espera.

– Era? Sou?

Camille tocou-lhe na mão.

– Rafael tem medo de ti, Simon, e ainda bem. Tu és um dos dele, um vampiro, mas não podes ser ferido nem morto. Ele não pode erguer um dedo contra ti sem provocar a ira de Deus.

Seguiu-se um momento de silêncio. Simon ouvia o zumbido das iluminações de Natal por cima da cabeça, a água a cair na fonte, no centro do pátio e o barulho da cidade.

– Se você o diz... – disse com voz suave.

- O quê?
- A palavra. A ira de... – A palavra queimava-lhe a boca, como sempre.
- De *Deus*, sim. – Camille retirou a mão, mas o seu olhar era caloroso.
- A nossa espécie tem muitos segredos. Posso contar-te muitos deles. Verás que não estás condenado.
- Minha senhora...
- Camille. Chama-me Camille.
- Continuo a não perceber o que quer de mim.
- Não? – perguntou ela, abanando a cabeça. Os cabelos brilhantes caíram-lhe para o rosto. – Quero que te juntes a mim, Simon, contra Santiago. Vamos juntos àquele ninho de ratos. Quando os seguidores dele te virem comigo, deixam-no e juntam-se a mim. Por baixo do medo que sentem por ele, intuo que me são leais. Assim que nos virem juntos, o medo desaparece e eles passam para o nosso lado. Os homens não podem fazer nada contra o divino.
- Não sei. Na Bíblia, Jacob lutou contra um anjo e venceu. – Camille olhou para ele com as sobrancelhas arqueadas. – Escola hebraica – disse ele, encolhendo os ombros.
- «E Jacob chamou àquele lugar Peniel; “porque vi um ser divino, face a face, e conservei a vida”». Não és o único que sabe as Escrituras. – O seu olhar semicerrado desaparecera e o sorriso voltara. – Podes não te aperceber, *Luz do Dia*, mas enquanto tiveres a *Marca*, és o braço da vingança do céu. Ninguém te pode fazer frente e muito menos um vampiro.
- Tens medo de mim?
- Simon lamentou quase de imediato a pergunta. Os olhos verdes escureceram, quais nuvens de tempestade.
- Eu, medo de ti? – Camille recompôs-se e o seu rosto suavizou-se, iluminou-se. – É claro que não. Tu és um homem inteligente. Estou convencida de que aceitarás a minha proposta, que te juntarás a mim.
- E qual é a tua proposta? Quero dizer, compreendo a parte em que vencemos Rafael, mas e depois? Eu não odeio Rafael nem me quero ver livre dele só porque quero. Ele não me chateia. Não quero mais nada.
- Camille cruzou as mãos, numa das quais, por cima da luva, no dedo do meio, usava um anel com uma pedra azul.
- Tu pensas que não queres mais nada, Simon; pensas que Rafael te faz um favor ao deixar-te em paz, como dizes, mas na realidade ele está

a exilar-te. Neste momento tu pensas que não precisas dos da tua espécie, que estás satisfeito com os amigos que tens – humanos e Caçadores de Sombras –, com as garrafas de sangue escondidas no teu quarto, que não te importas de mentir à tua mãe sobre quem és.

– Como...

– Mas – continuou Camille, ignorando-o – e dentro de dez anos, quando tiveres vinte e seis? Ou dentro de vinte? Ou de trinta? Pensas que as pessoas não reparam que tu não mudas enquanto elas envelhecem? – Simon não respondeu porque não queria admitir que não pensara no futuro, que não queria pensar no futuro. – Rafael disse-te que os outros vampiros são veneno para ti, mas não tem necessariamente de ser assim. Não podes viver a eternidade sozinho, sem os da tua espécie. Tu tornaste-te amigo dos Caçadores de Sombras, mas não podes ser como eles, serás sempre diferente. Conosco, não. – Camille inclinou-se para ele e as luzes brancas reflectiram-se-lhe no anel, fazendo-o desviar o olhar. – Nós temos milhares de anos de conhecimento que podemos partilhar contigo, Simon. Podes aprender a guardar o teu segredo. Podes aprender a comer e a beber, a dizer o nome de Deus. Rafael, que é um homem cruel, escondeu-te esta informação, levou-te até a acreditar que Ele não existe, mas existe. Eu posso ajudar-te.

– Se eu te ajudar primeiro.

Camille sorriu. Os dentes dela eram brancos e aguçados.

– Ajudamo-nos um ao outro. – Simon encostou-se na cadeira de metal, dura e desconfortável e de súbito sentiu-se cansado. Olhando para as próprias mãos, o rapaz viu que as veias estavam mais escuras; precisava de sangue, precisava de falar com Clary, precisava de tempo para pensar. – Ficaste chocado – continuou ela. – Eu sei que é difícil de interiorizar. Gostaria de te dar todo o tempo de que precisas para decidir sobre isto e a minha pessoa, mas temos pouco, Simon. Enquanto estiver nesta cidade, estou em perigo por causa de Rafael e do bando dele.

– *Bando?* – exclamou Simon, sorrindo apesar de tudo.

Camille pareceu ficar desconcertada.

– Sim?

– Bem, é que... «bando». É como se dissesse «malfeitores» ou «lacaio». – Camille olhou para ele sem expressão. Simon suspirou. – Desculpa. Provavelmente não viste tantos filmes maus como eu.

A mulher franziu levemente o sobrolho e entre as sobrancelhas apareceu-lhe uma linha fina.

– Disseram-me que eras algo peculiar. Talvez seja por não conhecer muitos vampiros da tua geração. Mas sinto que vai ser bom para mim ter alguém tão... novo ao pé de mim.

– Sangue novo.

Camille sorriu.

– Estás pronto, então? Aceitas a minha oferta? Vamos trabalhar juntos?

Simon olhou para o céu. As luzes brancas faziam desaparecer as estrelas.

– Eu... eu agradeço-te a oferta, a sério. – *Merda*, pensou ele. Tinha de haver uma maneira de dizer aquilo sem que parecesse estar a recusar um par para o baile de finalistas. *Sinto-me mesmo lisonjeado por me teres pedido, mas...* Camille, tal como Rafael, falava com rigidez, com formalidade, como se estivesse num conto de fadas. Talvez fosse melhor falar como ela. – Preciso – disse ele – de algum tempo para tomar uma decisão. Compreendes, decerto!

Camille sorriu com delicadeza, mostrando apenas as pontas das presas.

– Cinco dias. Mais não – disse, estendendo a mão enluvada. Algo lhe brilhou na palma da mão: um pequeno frasco de vidro do tamanho de uma amostra de perfume, só que cheio de um pó acastanhado. – Terra de campa – explicou ela. – Parte-o e estarás a chamar-me. Se não o fizeres dentro de cinco dias, mando-te o Walker. Dá-lhe a resposta a ele.

Simon pegou no frasco e meteu-o na algibeira.

– E se a resposta for não?

– Fico desiludida. Mas separamo-nos como amigos – respondeu ela, afastando o copo de vinho. – Adeus, Simon.

Este levantou-se. A cadeira fez um som metálico desagradável quando ele a arrastou. O rapaz sentiu que devia dizer qualquer coisa, mas não sabia o quê. Era como se estivessem a despachá-lo e, decidindo que preferia ser um daqueles vampiros modernos mal-educados, saiu sem dizer palavra.

De regresso ao restaurante, Simon passou por Walker e Archer, de pé ao grande balcão, encolhidos por baixo dos longos casacos cinzentos, sentiu-lhes os olhares e agitou os dedos numa mistura de aceno amigável e despedida. Archer mostrou os dentes – humanos, vulgares – e dirigiu-se para o jardim com Walker nos calcanhares. Simon viu-os sentarem-se em frente de Camille e esta nem sequer olhou para eles. Porém, as luzes que

iluminavam o jardim apagaram-se de súbito – ao mesmo tempo, não uma a uma – deixando o rapaz a olhar, desorientado, para uma moldura escura, como se alguém tivesse apagado as estrelas. Quando os empregados viram e se apressaram a resolver o problema, já Camille e os seus escravos humanos tinham desaparecido.



Simon abriu ligeiramente a porta da sua casa de tijolo, igual a todas as outras daquele quarteirão de Brooklyn e pôs-se à escuta.

O rapaz dissera à mãe que ia ensaiar com Eric e os outros companheiros da banda para um concerto no sábado seguinte. Já lá ia o tempo em que ela teria acreditado. Elaine Lewis sempre fora uma mãe descontraída, nunca impusera a Simon ou à sua irmã um toque de recolher nem nunca insistira para que ambos voltassem cedo para casa nos dias de aulas. Simon estava habituado a ficar fora até tarde com Clary, tinha a sua própria chave, atirava-se para cima da cama às duas da manhã e a mãe nunca lhe dissera nada.

Mas as coisas tinham mudado. O rapaz estivera em Idris, a terra dos Caçadores de Sombras, durante quase duas semanas, desaparecera de casa sem qualquer desculpa ou explicação. O feiticeiro Magnus Bane entrara em cena e fizera à mãe de Simon um feitiço de memória, de modo que ela não se lembrava de ele ter estado ausente ou, pelo menos, *conscientemente*, mas o seu comportamento mudara, andava desconfiada, sempre a vigiá-lo, insistindo para que estivesse em casa a certas horas. A última vez que fora ter com Maia, ao chegar a casa encontrara Elaine no vestíbulo, sentada numa cadeira de frente para a porta, com os braços cruzados e um olhar de fúria no rosto.

Naquela noite ouvira-a respirar antes mesmo de a ver, mas naquele momento ouvia apenas o zumbido da televisão na sala de estar. Elaine devia ter esperado por ele a ver um daqueles intermináveis dramas hospitalares de que tanto gostava. Simon fechou a porta devagar e encostou-se a ela, tentando arranjar energia para mentir.

Já bem bastava não comer em família. Felizmente, a mãe ia trabalhar cedo e voltava tarde e Rebecca, que andava a estudar em Nova Jérсия e que só vinha de quando em quando a casa para lavar a roupa, quase nunca ficava tempo suficiente para reparar fosse no que fosse. Quando ele se

levantava já a mãe saía e o pequeno-almoço e o almoço, preparados com todo o carinho, estavam em cima da banca da cozinha. Simon atirava tudo para o caixote do lixo a caminho da escola. Em relação ao jantar era mais difícil. Nas noites em que ela estava, tinha de fingir que não tinha fome ou que queria levar o jantar para o quarto para poder comer enquanto estudava. Uma ou duas vezes fizera um esforço e engolira tudo, só para lhe dar prazer, mas depois passara horas na casa de banho a suar e a vomitar.

Simon odiava mentir-lhe; sentira sempre pena de Clary por causa da relação tensa que ela mantinha com Jocelyn, a mãe mais protectora que conhecera na sua vida. E agora o sapato estava no outro pé. Depois da morte de Valentine, o controlo exercido por Jocelyn sobre Clary diminuía, ao ponto de ela se transformar numa mãe quase normal. Entretanto, sempre que estava em casa, Simon sentia o peso do olhar da mãe.

Endireitando os ombros, o rapaz deixou cair a mochila ao lado da porta e dirigiu-se para a sala de estar. A TV estava a dar as notícias. O locutor falava de uma história humana interessante – um bebé encontrado abandonado numa viela, por trás do hospital. Surpreendido porque a mãe odiava as notícias, achando-as deprimentes, Simon olhou para o sofá e a surpresa desapareceu. Elaine estava a dormir, com os óculos em cima da mesa e um copo meio vazio no chão. O cheiro disse-lhe que devia ser uísque e a surpresa voltou porque a mãe raramente bebia.

Simon foi ao quarto dela e regressou com uma manta de croché. A mãe continuava a dormir. A respiração era lenta e regular. Elaine era uma mulher pequena, frágil como um pássaro, com uma auréola de cabelos pretos encaracolados raiados de cinzento que se recusava a pintar; durante o dia trabalhava para uma organização ambiental sem fins lucrativos e a maioria das suas roupas tinha motivos animais. Naquele momento usava um vestido com golfinhos e ondas estampados e um alfinete que em tempos fora um peixe, mergulhado em resina. O seu olho lacado pareceu olhar acusador para Simon quando se baixou para tapar os ombros da mãe.

Elaine mexeu-se e virou a cabeça para o outro lado.

– Simon – murmurou ela –, onde estás?

Comovido, o rapaz largou a manta e endireitou-se. Talvez fosse melhor acordá-la, dizer-lhe que estava bem, mas depois viriam as perguntas a que ele não queria responder e aquele olhar dorido que não conseguia suportar. Simon virou-se, foi para o seu quarto e mal se atirou para cima da cama

pegou no telefone, que estava em cima da mesa-de-cabeceira, para ligar a Clary, mas depois pôs-se a pensar. Não lhe podia falar de Camille porque prometera guardar segredo em relação à proposta da vampira e se aprendera alguma coisa naqueles poucos meses, era que era má ideia não cumprir uma promessa feita a uma criatura sobrenatural. No entanto queria ouvir-lhe a voz, como sempre que acabava de passar por um dia difícil; podia queixar-se da sua vida amorosa, o que parecia diverti-la sempre. Virando-se de barriga para baixo, Simon tapou a cabeça com a almofada e ligou o número da rapariga.